

Entrevista com Issam Rabih Menem¹ sobre o conflito entre Israel e Hezbollah no sul do Líbano e suas implicações regionais

1. Qual é a correlação de forças entre Israel e Hezbollah neste momento específico do conflito? Como a atual escalada reflete as motivações políticas e estratégicas de cada ator envolvido?

O atual conflito entre Israel e Hezbollah demonstra potencial destrutivo muito maior do que está acontecendo hoje em Gaza. Apesar de não ser um agente estatal, pode-se dizer que, hoje, o Hezbollah é o grupo militar mais forte no Líbano, sendo maior e mais poderoso do que o próprio exército nacional libanês. Isso porque o Hezbollah é um ator com capacidades militares muito maior que o Hamas, tendo, por exemplo cerca de 100 mil combatentes experientes em batalhas, que passaram anos combatendo na Síria, mobilizados ideologicamente, um arsenal de 100 mil foguetes prontos para serem disparados contra o território Israelense,

1 Issam Rabih Menem é doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da UFRGS (PPGEEI). Mestre em Integração Contemporânea da América Latina e Bacharel em Relações Internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Especialista em Negócios Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Pesquisador associado ao Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), ao Núcleo de Estudos Estratégicos, Geopolítica e Integração Regional (NEEGI) e ao Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe (NUPRIMA).

algo que certamente a defesa aérea de Israel não seria capaz de reprimir, além de atualmente dominarem um série de capacidades tecnológico-militares, seja no domínio anti-aéreo, marítimo ou terrestre, o que os diferenciam de qualquer outro grupo na região.

O Hezbollah tem como base social o Sul do Líbano, região que sofreu a ocupação de Israel (1985-2000) produzindo grandes transtornos sociais, tanto pela violência em si, perseguições, os conflitos bélicos rotineiros com grupos armados palestinos e, em especial, as ondas de refugiados palestinos, que influenciaram diretamente o arranjo sectário libanês, o que perturbou uma importante parcela da população local, em especial os cristãos maronitas, produzindo mobilizações de movimentos sociais, protestos, e a constituição de grupos paramilitares nacionalistas no Sul do Líbano. Nesse contexto, nos anos 80, o Hezbollah surge com o objetivo específico de combater a ocupação israelense do Sul do Líbano e o projeto sionista na Palestina. Assim, o Hezbollah se estabelece como parceiro da resistência palestina. Tal afirmação é sustentada pelas declarações do secretário-geral do Hezbollah, Hassan Nasrallah, que pontuou que não haverá negociação de cessar-fogo entre Israel e Hezbollah enquanto não houver um cessar-fogo em Gaza. Portanto, há uma solidariedade entre os dois povos, que foram afetados por um inimigo em comum.

O que chama atenção em relação ao conflito no sul do Líbano, é a potencialidade da escalada para um nível regional, isso se dá pelo fato do Hezbollah ser "membro" de uma aliança denominada "Eixo da Resistência": uma aliança de governos, grupos armados, partidos políticos e movimentos sociais alinhados ideologicamente, politicamente e militarmente. Esses atores atuam de forma muito bem orquestrada em uma interdependência, podendo auxiliar o Hezbollah em combates, no apoio logístico, no fornecimento de material bélico como no de recursos humanos.

Dessa forma, o início de uma guerra no Líbano resultaria na participação de outros atores regionais, como por exemplo, o Irã, os Houthis no Iêmen, a Síria de Bashar e, uma constelação de grupos fortemente armados no Iraque, que já declararam estarem alinhados ao Hezbollah diante de um possível conflito direto com Israel. Portanto, todos esses fatores aumentam a tensão dessa frente militar,

o que faz Israel calcular diariamente no custo de uma possível guerra direta com o Hezbollah.

2. De que forma as alianças regionais, especialmente entre Irã, Hezbollah e Hamas, influenciam a dinâmica do conflito? Qual é o papel dos Estados Unidos nessa configuração e como isso afeta as perspectivas de resolução ou escalada do conflito?

De início, é fundamental não reduzir os interesses do Hezbollah com os interesses do Irã, mas é importante avaliar a sua participação no “Eixo da Resistência”. Pudemos observar que após o início do conflito em Gaza, uma série de ações dos membros desta aliança foram executadas de forma orquestrada. Além do Hezbollah no norte de Israel (1), a participação do Houthis, com ataques de mísseis de cruzeiro contra Israel, além de todo o transtorno logístico-econômico causado no Estreito de Bab al-Mandab, no Mar Vermelho. Diversos navios comerciais com destino à Israel foram atingidos no estreito do Iêmen, incluindo embarcações militares dos EUA e do Reino Unido. Apesar dos ataques aéreos realizados para dissuadir os houthis, esses esforços não tiveram sucesso, permitindo que o grupo assumisse o controle da região no Mar Vermelho (2). Ademais, assistiu-se com grande apreensão o inédito ataque iraniano com centenas de drones contra o território israelense, além de um ataque no Curdistão, onde abrigava, segundo o Irã, uma base de inteligência israelense (3). Portanto, temos visto, de uma forma inédita, a atuação desses grupos, que mesmo a milhares de quilômetros de distância, agem de forma orquestrada contra os interesses israelense na região.

Outra questão a ser destacada é o corredor logístico do Eixo que favorece o Hezbollah, o corredor se inicia no Irã, passa pelo Iraque, Síria e acaba no Líbano, municiando o grupo com os mais modernos componentes militares existentes nesse eixo, principalmente de fabricação iraniana e russa, como mísseis de precisão, anti-blindados e drones militares. Então, esse eixo acaba fazendo toda a diferença no estabelecimento do Hezbollah.

É fato que os EUA apoiam efetivamente a manutenção do Estado de Israel visto que é a maior plataforma de inteligência estadunidense no Oriente Médio. Os numerosos pacotes de apoio bilionários disponibilizados ao governo israelense e o suporte bélico e logístico direto, evidenciam não só o interesse crítico estadunidense

no conflito mas a incapacidade de Israel abrir uma frente total contra o Hezbollah sem antes resolver o conflito com o Hamas.

3. O uso de táticas não convencionais, como catapultas e fósforo branco, indica alguma mudança significativa no cenário de tensão entre Israel e Hezbollah? Essas ações podem ser vistas como precursoras de uma nova fase do conflito?

Na verdade, não. Essas estratégias são muito tradicionais por parte de Israel. O uso de fósforo branco já havia sido registrado no conflito de 2006, já as bombas cluster (minas terrestres) são lançadas desde a década de 1980 no Sul do Líbano. Até os dias atuais, missões da ONU visitam as escolas e demais instituições da região com o intuito de alertar jovens e crianças contra o manuseio de corpos estranhos que podem ser encontrados, posto que até hoje existem minas terrestres ainda não ativadas no território. Recentemente vimos Israel atendo fogo na vegetação nativa do Sul do Líbano, o que caracteriza um crime ambiental — ainda mais de um país que já não tem possui grandes áreas verdes. Portanto, essas táticas não são novidades entre os atores locais.

O que chama atenção são as novas tecnologias que o lado libanês tem mostrado, como as filmagens em alta qualidade, reveladas pelo Hezbollah, da terceira maior cidade israelense, Haifa, no Norte. Durante muito tempo, o Hezbollah falhava em alavancar seus drones sobre Israel, até que duas décadas depois, com o apoio e a expertise iraniana, conseguiram desenvolver drones capazes de registrarem horas e horas de gravações de regiões estratégicas de Israel, como a área portuária de Haifa, bases aéreas e os complexos militar e petroquímico na região norte de Israel. Esse talvez seja o elemento mais importante, que com certeza influenciará bastante o cálculo de guerra de Israel, com o Hezbollah demonstrando toda essa maturidade e complexidade tecnológica.

4. Quais são as possíveis implicações de uma escalada do conflito para a estabilidade regional? Como a atual situação pode evoluir e quais seriam os cenários mais prováveis em caso de intensificação das hostilidades?

De certa forma, não existe um cessar-fogo total no Sul do Líbano há anos, é “comum” ocorrer trocas de tiros em episódios esporádicos. Entretanto, o atual

conflito, de maior escala, está diretamente ligado ao conflito palestino, frisando mais uma vez que, de acordo com Nasrallah, a desescalada na Palestina é um pré-requisito para a trégua com Hezbollah.

A partir disso, constituem-se três cenários hipotéticos para o conflito: (1) A consumação de um cessar-fogo na Palestina e uma consequente negociação de trégua com o Hezbollah; (2) Um cenário similar ao atual, onde permaneceria um conflito tenso, porém sem atingir um patamar de guerra aberta, visto que até hoje nenhum dos dois, de forma terrestre, cruzaram a fronteira para outro lado. Neste cenário, persistirá esse desgaste mútuo: Hezbollah atacando bases militares israelenses ao longo da fronteira e atingindo cidades na Alta Galiléia e; Israel bombardeando vilarejos no sul do Líbano, gerando baixas militares e civis e, eventualmente atingindo líderes militares do grupo; (3) Escalar e se alcançar uma guerra aberta, que seria o cenário mais alarmante, visto o potencial bélico, não só de Israel, conhecido por ser tecnologicamente o mais moderno da região, mas por também entrarem outros fatores na equação, como a consolidação do Hezbollah como uma organização de grande porte, que certamente contará com apoio de outros importantes atores regionais, estatais ou não-estatais, membros do “Eixo da Resistência”.

5. Quais são as perspectivas futuras para as relações entre Israel e Hezbollah? Considerando as atuais ações militares e o contexto político regional, existe algum caminho viável para a desescalada e resolução pacífica do conflito?

Por parte do Hezbollah, fica muito claro que está vinculado diretamente ao conflito na Palestina. E esse posicionamento tem se dado de maneira clara e incisiva: Enquanto não parar a guerra na Palestina, o Hezbollah não negociará nenhum cessar-fogo no Norte. Tanto que nos últimos meses, o secretário-geral do Hezbollah justifica o conflito no sul do Líbano como um componente da guerra na Palestina, sendo apenas uma outra frente da guerra na Palestina, não tendo nenhum objetivo local ou individual do Hezbollah. Assim, o grupo justifica o conflito no norte de Israel como uma forma de atenuar os ataques à população de Gaza, visto que desde o início do conflito, o Hezbollah conseguiu mobilizar as forças israelenses no norte de Israel que incluem milhares de soldados, tanques e blindados, como também grande parte da força aérea e marítima israelense acabaram ficando de prontidão

no norte do país, tirando um pouco o foco e a mobilização israelense para com Gaza. Portanto o vínculo do Hezbollah com a Guerra na Palestina é crucial: para haver uma desescalada do conflito é necessário um cessar-fogo na Palestina.